



Coleção de Literatura
Brasileira

AS MINAS DE PRATA

TERCEIRA PARTE

I - Como Estácio evadiu-se de uma prisão para cair em outra.

Na véspera ficava Estácio no seu cárcere, coacto sob a impressão poderosa da carta de seu mestre e amigo. A liberdade era sem dúvida coisa de muito preço para que a desejasse ele ardentemente; mas o seu coração liso e a sua razão direita não podiam ficar surdos à voz austera do velho advogado, falando em nome da honra e virtude.

— Sossegai, mestre!... murmurou como se Vaz Caminha o ouvisse. Não sairei daqui assassino.

Escondeu entre o corpo e a camisa os objetos que lhe enviara o velho, e apagando o rolo, estendeu-se sobre a pedra, como na véspera, não para dormir, mas para meditar durante as duas ou três horas que faltavam para meia-noite.

Vaz Caminha lhe pedia a procuração para ir ao

Rio de Janeiro receber o roteiro e pô-lo a bom recato. Recordando a partida do P. Molina, Estácio compreendia de quanta urgência era prevenir, se ainda fosse tempo, as maquinações do frade. Mas ao mesmo tempo temia, já pelo advogado a quem semelhante viagem seria por demais penosa e arriscada, já pelo tesouro guardado apenas por um velho débil e desprotegido de própria ou alheia força.

Os assomos de uma impetuosa impaciência borbotavam-lhe no coração e subiam-lhe à cabeça abrasada: sentia-se sufocar naquele cárcere, pequeno demais para conter os ausos de sua coragem.

A declaração jurada de D. Fernando, que o advogado pensou devesse amainar o seu desespero e impaciência, ao contrário mais os insuflaram. Reanimado outra vez nas doces esperanças de seu amor, que o impossível como que esmagara, o mancebo ansiava agora por conquistar nome, posição e riqueza para oferecer a Inesita.

Enleado nestas cogitações revolvía-se ele sobre o frio lajedo, quando o mesmo sussurro de vozes

que na véspera o surpreendera, veio outra vez distraí-lo. Ou súbita inspiração, ou necessidade que sente o espírito fortemente ocupado, de uma diversão, o mancebo ergueu-se e obedeceu ao impulso de curiosidade que espertara nele. Bateu o fuzil, acendeu o rolo, e examinou atentamente o lugar por onde as vozes pareciam sair do chão. Retirando o toro de pau, descobriu então à claridade da candeia o que a dúbia luz da seteira não lhe deixara ver durante o dia. O cimento da laje onde repousava a cabeça,

fora todo aluído; com o auxílio do prego introduzido nas fendas pôde levantar um canto da pedra.

Nisso lembrou-se que a luz o podia denunciar; ficando no escuro, ergueu de todo a laje que era grossa e bastante pesada: imediatamente refrescou-lhe o rosto uma baforada de ar encanado. Estácio era um espírito observador; e pois essa circunstância lhe indicou logo que o buraco tinha outra boca, e que não estava fechada naquela ocasião. De repente ocorreu-lhe que o seu antecessor de cárcere ali falecera depois de muitos anos de prisão; e era bem provável fosse ele quem preparasse aquela mina para uma

evasão que não conseguira efetuar.

— Sem dúvida ele se comunicava com os vizinhos.

As vozes tinham emudecido. Estácio sondou a mina com o braço, e nada encontrando de suspeito, arriscou a cabeça, depois os ombros, e afinal todo o corpo. Formava a solapa um arco de círculo que se estendia através do alicerce por baixo do pavimento do vizinho cárcere. A suposição do mancebo não era, como sabemos, destituída de fundamento; ele estava na mina aberta por Staed.

No momento em que Estácio chegava ao ponto de intercessão onde se reuniam os três ramos comunicando com a galeria e os cárceres vizinhos, Beltrão erguia a laje e chamava por Hugo. Entre ambos teve então lugar a prática sabida, de que Estácio não perdeu uma só palavra. Imediatamente concebeu ele não só a ideia de sua evasão, como o plano de fazer abortar a fuga dos dois prisioneiros.

Quando pois a palavra do santo foi transmitida por Beltrão aos prisioneiros, o mancebo que a ouvira,

ganhou a galeria logo após os flamengos, passou incólume entre as sentinelas, e chegou às ameias onde encontrou o indivíduo que parecia adormecido. Esse era Esteves, bem acordado, e esperando a hora de meia-noite para acabar com a incumbência que lhe dera Vaz Caminha. Reconheceu o pescador a Estácio quando este o apalpava, e felizmente foi tamanha a surpresa nele de o ver ali, que embargou-lhe o menor gesto ou palavra. Era o tempo em que o estudante também o reconhecia:

— Silêncio!...

E pendurou-se à ameia para escorregar ao longo do muro. Esteves que de manhoso se embrulhara na adriça, passou a ponta dela ao mancebo, e instantes depois estavam ambos no mar, nadando de mergulho, para que os não descobrissem do barco. Vogavam o Anselmo e sua gente pouco avante, seguindo na direção das tercenas. Os nadadores cortaram em linha reta; ao pisarem terra, surgiu-lhes Gil que esperava a volta de Esteves, e cuidou morrer de alegria reconhecendo seu querido amo e cavalheiro. Seguindo a praia deitaram-se a correr para esperar os fugitivos no

lugar do desembarque.

Estácio deixou Esteves de espreita ali e seguiu com Gil até a Rua da Palma a pista dos fugitivos. Entrados que foram estes, o estudante passando revista à casa, deparou com a corda suspensa à janela por onde havia descido o Anselmo, quando partira a toda pressa para o Castelo de Santo Alberto.

Em qualquer outro caso, Estácio teria escrúpulo de penetrar furtivamente na casa alheia; mas tratava-se de graves interesses da república, e pois não hesitou. Foi bem compensado de sua fadiga; as palavras trocadas entre o rabino e os flamengos lhe revelaram uma e a mais terrível parte da trama dos judeus, por ele ainda ignorada: o plano da rendição da Bahia aos holandeses.

Estácio sentiu ferver-lhe o sangue de indignação. Deixando Gil de alcateia em frente à casa do judeu, deitou a correr para a morada de Mariquinhas dos Cachos. Sabia pelo que ouvira que tinha diante de si três horas; mas a impaciência dava-lhe asas. Não encontrando Cristóvão, foi ter com ele perto da casa de D. Luísa de Paiva onde se achava com João Fogaça.